

# Colonialismo financeiro

Reinaldo Fonseca \*

*"Antes de os portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade"*

Oswald de Andrade

A sociedade brasileira é mal-informada por três motivos principais: um deles é a baixa capacidade de

apreensão por parte do povo, resultado do nível educacional e cultural; o segundo é a elevada capacidade cínica dos informantes de elite em manipular a informação e o terceiro é o insuficiente preparo da imprensa em se comunicar com o povo ou mesmo o jogo das conveniências político-comerciais através da mídia. O intróito explica, com a conveniência devida, uma

**Somos colônia no jogo do poder político, econômico e financeiro mundial**

das causas do nosso subdesenvolvimento.

Ainda somos uma colônia no jogo do poder político-econômico-financeiro mundial. Estamos enredados nesse complexo de interesses multinacionais no qual absorvemos, com espantosa velocidade e alegria, tecnologias, capitais, modismos, vocabulário, cultura e coisas tais.

Temos os nossos momentos de nacionalismo que sacodem o orgulho pátrio e bolem com a miscigenação da raça, mas logo voltamos para a nossa realidade, e o que vemos?

Na nossa pauta de exportações verificamos que, apesar dos nossos esforços para sermos grandes, a soja e os seus produtos ocupam o primeiro lugar, o que nos faz lembrar do açúcar e do

café, e, se formos mais atrás, do pau-brasil. No nosso sistema de poupança precisamos do capital estrangeiro para dar fôlego às nossas "bolsas" e alívio na balança de pagamentos. Mas o que isso representa?

É simples explicar essa realidade através desse exemplo. O cidadão americano, que tem dinheiro ou bens hipotecáveis, está maravilhado com o Brasil, sua principal fonte de riqueza. Nos Estados Unidos, US\$ 1 milhão aplicado no mercado financeiro de baixo risco rende, no máximo, US\$ 80 mil por ano. Esse mesmo dinheiro, aplicado no Brasil, através dos fundos, rende, no mí-



nimo, US\$ 180 mil. É o cidadão brasileiro pagando para que o cidadão norte-americano viva melhor!

No nosso sistema de "globalização", o espanto não sai por menos. Indústrias nacionais tradicionais estão tendo que se associar ou mesmo transferir o controle para grupos multinacionais. A explicação que tem sido dada, quando é dada, é a de que a "globalização" assim o exige, que a competição leva à formação de grupos, de conglomerados, que detêm a capacidade de melhor negociar no mercado global. Mas não é esta a verdade principal, que prefiro nomear como o di-

ferencial da taxa de juros interna "vis-à-vis" à taxa internacional. Como ser competitivo se esse diferencial, em termos reais, chega a 15% ao ano?

A política de juro foi e é, nos últimos 12 anos, o principal estandarte do colonialismo financeiro, drenando recursos financeiros para fora do País e, internamente, ani-

quilando a saúde financeira de nossas empresas. Poderíamos hoje, exportar o dobro da ex-

portação atual caso não tivéssemos golpeado rudemente a produção agrícola, desamparado a pequena e a média indústria nacional e, pasmem, não tivéssemos insistido nessa cruel política de taxas de juros.

A elite financeira tem grande parte da culpa, pois, historicamente, é

quase sempre aliada dos capitais internacionais.

A elite política se deteriorou nos últimos 30 anos e não conseguimos produzir novos líderes, com o caráter que o povo brasileiro merece.

A elite industrial se banqueteou com a reserva de mercado, cujo principal beneficiário foi o "grupo de

**Só seremos livres quando o povo compreender melhor seu papel na sociedade**

multinacionais instalado no País". Sobrou o povo, que é muito fraco para nos libertar do "colonialismo financeiro"

a que fomos submetidos.

Temos esperanças de liberdade, mas que só será conseguida quando o povo compreender melhor o seu papel na sociedade, ou for mais bem informado. ■

\* Economista, consultor da Federação das Indústrias de Goiás (Fieg).